

DEPOSITO LEAL

MARIA RITA



SEMANARIO

MEMORIALISTICO

Suppl. Mensal de
ARNALDO LEITE
CARVALHO BARROSA
JOSE DE AZEVEDO

Director Artístico e Secretário de Redacção
OCTAVIO SERGIO



CAMISAS



Zé Povinho — Vocemecê desculpe, mas eu não posso levantá-los braços...

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L. da

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819—PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas	
Ano	45\$00
Semestre	24\$00
Colónias	
Ano	50\$00
Registado	70\$00
Estrangeiro	
Ano	60\$00
Registado	100\$00
Número avulso 1 escudo	
Anúncios: Preços convencionais	

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES
Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

EXCURSÕES EM GRUPOS A PARIS

(Uma semana em Paris)

PROGRAMA

- 1.º dia { Partida de Lisboa no comboio 51 às 8,20 } Carruagem directa até Hendaia e de Hendaia a Paris }
Partida do Pôrto no comboio 52 às 8,13—Transbordo em Pampilhosa }
- 2.º dia — Chegada à noite a Paris-Quai d'Orsay, onde os excursionistas serão recebidos por um representante da «Casa de Portugal». Transporte em auto-car ao hotel.
- 3.º dia — A's 10 horas da manhã: Saída do hotel em auto-car para visitar Paris.
Itinerário — Os grandes Boulevards (Bd. des Italiens, Bd. Montmartre, Bd. Poissonnière, Bd. St. Denis e Bd. St. Martin), Place de la République, Boulevard du Temple, Boulevard Beaumarchais, Place de la Bastille, Rue Saint Antoine. HOTEL DE VILLE, Catedral de NOTRE DAME (paragem e visita), Ponte e Place Saint Michel, Rue Saint Jacques. PANTHEON (visita), Rue Soufflot, Rue du Bac, Rue de Babylonie, Rue de Sèvres, Rue Bonaparte, Place du Carroussel, Opéra. Ida para o hotel às 12,30. Tarde livre.
A's 20,45 sessão no GAUMONT PALACE (Place de Clichy), o mais vasto animatógrafo do Mundo: 5 números de variedades e filmes.
- 4.º dia — Manhã livre. Depois do almoço, saída do hotel em auto-car para continuar a visita à cidade.
Itinerário — Opéra, Igreja da Madalena (paragem e visita), Boulevard Malesherbes, Chapelle Expiatoire, Boulevard Haussmann, Place St. Augustin, Parque Monceau, ARCO DO TRIUNFO de l'Etoile (paragem e visita), Avenue Foch, Place Victor Hugo, Place du Trocadéro (paragem), TORRE EIFFEL, Escola Militar, Palais des Invalides (paragem e visita ao Museu e Túmulo de Napoleão), Esplanada dos Inválidos, Rue de l'Université, Rue de Bourgogne, Câmara dos Deputados, Quai d'Orsay, Ministério dos Negócios Estrangeiros, Ponte Alexandre III, Avenue des CHAMPS ELYSEES, Praça da Concordia, Rue de Rivoli, Place Vendôme, Rue de la Paix e Place de l'Opéra.
A's 20,45 sessão no Teatro das FOLIES BERGERE onde são representadas as mais deslumbrantes revistas do Mundo.
- 5.º dia — A's 10 horas, partida em auto-car para FONTAINEBLEAU, por Villejuif, Villeneuve-Orly (aerodromo), Fromenteau, Ris-Orangis, Essonne, Ponthierry, Chailly-en-Briete, Barbizon, La Caverne des Urigands, Gorges d'Apremont, Banquet du Roi et Fontainebleau (paragem). Almoço (vinho e café incluídos). Depois da visita ao Palácio e ao Parque, regresso a Paris par Croix d'Augas, Vallée de la Solle, Table du Roi, Melun, Lieussaint, Floresta de Sénart, Pirâmide de Bruno, Montgeron e Villeneuve Saint Georges. Chegada a Paris cerca das 19 horas. Condução aos hotéis. Noite livre.
- 6.º dia — A's 10 horas, saída do hotel em auto-car para visitar o MUSEU DO LOUVRE. Tarde livre.
Depois do jantar, às 21,30, saída do hotel para visitar Paris à noite: Grandes Boulevards até à Bastilha (visita a um Bal Musette); Boulevard Henri IV, Mesquita de Paris (paragem e café), Bairro Latino (paragem e bebidas numa caverna subterrânea-histórico); Cais do Sena; Praça da Concordia e Avenida dos Campos Eliseos, ARCO DO TRIUNFO, Avenida de Wagram, Praça de Clichy, MONTMARTRE, Moulin Rouge (paragem para assistir aos bailados no Moulin Rouge, bebidas). Regresso ao hotel.
- 7.º dia — A's 10,30, partida do hotel em auto-car para VERSAILLES, pelos Campos Eliseos, Place de l'Etoile, Av. de la Grande Armée, Neuilly, Rue do Castelo de MALMAISON (paragem e visita), Port-Marly e VERSAILLES. Almoço. Depois do almoço, visita ao Palácio, ao Parque, ao Petit Trianon, ao Museu dos Coches e ao Hameau de Maria Antonieta. Regresso pelo Bosque de Fausses Reposes, Ville d'Avray, Saint Cloud, Auteuil e pelos Cais. Noite livre.
- 8.º dia — Dia livre.
- 9.º dia — A's 10 horas, partida em auto-car para SAINT GERMAIN-EN-LAYE, por Neuilly, Rueil, Saint Germain (paragem), Floresta de Saint Germain, Estrada de Carrières, Castelo de Le Val, Chêne St. Fiacre, Loges, Croix de Noailles, Croix de Berny, Amazonas; MAISONS-LAFFITTE (paragem). Volta a Paris pelas 13 horas. Tarde livre. Jantar e condução em auto-car à estação. Partida em comboio em carruagens directas de Paris a Irun e de Irun a Lisboa. (Os passageiros do Pôrto tem transbordo em Pampilhosa).
- 10.º dia } Viagem. Chegada à noite.
11.º }

As pessoas que não quiserem regressar com a excursão podem fazê-lo, pois o bilhete do comboio é válido por 45 dias, dando direito, na volta, a paragens nas estações intermédias.

Preço esc. 2.250\$00

ESTE PREÇO COMPREENDE: Bilhete de 2.ª classe no comboio, hospedagem em Paris em hotel de 1.ª ordem e a execução de todo o programa em Paris, impostos e gorjetas. (As refeições em viagem serão de conta dos excursionistas).

PASSAPORTE OBRIGATORIO

Com o bilhete definitivo será entregue a cada excursionista uma nota com informações detalhadas sobre a viagem.

A inscrição está aberta: em Lisboa, no Escritório de Informações, estação do Rossio, 1.º andar; e no Pôrto, na estação de S. Bento, encerrando-se 6 dias antes da partida de cada excursão.



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Na semana que hoje termina, realizou em Lisboa, na igreja de S. Domingos, nada menos de seis conferências o reverendo Vicente Moreira, aliás um belo orador e um espírito muito culto.

Não deixam de ser interessantes os temas versados nessas palestras, e que eu transcrevo de um jornal:

- 1.^a — O eu o que é?
- 2.^a — O eu de que é que não é?
- 3.^a — O eu de que é que é?
- 4.^a — O eu como é que é?
- 5.^a — O eu para o que é?
- 6.^a — O eu de quem é?

Seis perguntas a que apeete responder:

Ó Júlia, ó Júlia, ó Júlia!
Que é, que é, que é?
E depois das conferências,
vamos todos tomar café!

Os senhores já repararam que não há dia nenhum em que não venha nos jornais a notícia de um pai, ou uma mãe, se ter queixado na Polícia de que certo pândego cometeu um crime grave na pessoa de uma sua filha?

Parece que, dada a sua especial gravidade, crimes de esta natureza deviam ser raros. Que diabo! Por muito que assim o desejem os directores dos grandes periódicos, entre os quais o nosso illustre amigo sr. Anibal de Moraes, a verdade é que, no respeitante a crimes de encher o olho, Portugal costuma ficar muito aquém das nações hipercivilizadas. Salvo no que se refere aos tais crimes graves, — tão graves que basta uma besuntadela de Registo Civil para lhes apagar os vestígios.

Sensacionais é que elles de-certo não são. E a prova é que as folhas diárias, dedicando columnas aos outros, tratam estes em quatro ou cinco linhas. — sem pormenores. Não obstante, esses lamentáveis factos repetem-se com assustadora frequência. Vê-se, pois, que não é a publicidade quem contribui para o alastramento do crime. A's vezes, os que se comentem em segredo contagiam mais que os outros.

Na capital federal do Brasil... Mas é melhor transcrevermos todo o comunicado:

«RIO DE JANEIRO, 11. — O Inter-ventor Federal, visitando o Conselho Nacional do Café, sugeriu que fôsse plantado em plena Avenida Rio Branco, a principal

artéria da Capital Federal, um cafeeiro, verdadeiro e legitimo simbolo de uma das grandes riquezas do Brasil.

O local escolhido foi a Cinelandia, no extremo da Avenida, no lugar onde se construíram os primeiros arranha-céus do Brasil e onde estão situados o Palácio Monroe — antigo Senado — o Teatro Municipal, o monumento ao Marechal Floriano Peixoto e a Biblioteca Nacional. Lá se encontra, num dos grandes canteiros, sempre floridos, que alindam a grande área, um lindo cafeeiro, viçoso, carregadinho de fruto. E para que não passe despercebido aos mais distraídos, foi colocada no tronco, de forma bem legível, esta quadra:

*Isto é Café!... Que riqueza!
Plantado em plena Avenida.
Que digam povo e nobreza,
Se a ideia é bem concebida.»*

MARIA RITA, a-pesar-de não ser povo nem nobreza — porque pertence, e com muita honra, à classe que se convencionou chamar média — acha a ideia, além de admiravelmente concebida, esplendidamente realizada. Só a quadra que serve de taboleta ao cafeeiro — elles lá escrevem «cafeeiro», porque estão em maré de economias — vale um longo poema. Que graça, que ritmo, que inspiração! Se Bilac ressuscitasse e lêsse aquilo, dava um tiro... no autor.

Permitimo-nos apontar este exemplo à nossa edildade. Não que pretendamos ver plantar em plena Avenida dos Aliados vides do Douro ou nabos de S. Cosme. Mas pode aproveitar o que já lá se encontra e merece também a sua redondilha. *Verbi-gratia*: aqueles três meninos que sustentam um cabaz de fruta. Ficava-lhes a matar a seguinte taboleta:

*Isto é fruta... Que riqueza!
Pêssegos da Beira-Baixa.
Digam o povo e a nobreza
se a ideia não é de escacha!*

A ideia... e os pêssegos.

O sr. dr. Ramada Curto, numa conferência realizada em Coimbra, afirmou que a democracia portuguesa foi vítima dos próprios democratas.

E' certo. Da mesma forma que a monarquia foi vítima dos monárquicos. Mas não é menos verdade que a ideologia socialista tem sido vítima dos dirigentes do partido. Raspado o verniz doutrinar, — surge por baixo o burguês.

A todo o momento se descobrem erros judiciários. Chega a gente a convencer-se — tal como sucede nos manicómios, que é onde se encontram as pessoas mais ajuizadas — de que tódá a Penitenciária é um alfobre de inocentes. E creio que ainda havemos de ler isto nos necrológios e nos elogios fúnebres: «Este cavalheiro, precocemente roubado pela morte, era tão honesto e tão digno que cumpriu seis anos de prisão maior celular, seguidos de vinte de degredo»...

Vai grande arruído na Academia das Ciências porque um consócio de êsse douto instituto, após quinze anos de estudos aturados, descobriu a maneira por que os padeiros egípcios da antiguidade metiam o miolo do pão dentro da côdea.

Resta saber se o pão era de tipo único, — o que sem dúvida seria explicação suficiente da epidemia que dizimou um quinto da população no tempo de Ramsés I.^o

Marcial JORDÃO.

Décimas... dentro do praso

Macados pelas... costas

Sem temor às negras fráguas,
As espanholas traineiras
E as francesas lagosteiras
Veem pescar nas nossa águas.
Os lusos, cheios de máguas,
Vendo as costas, indefesas,
Vítimas de tais proesas,
Vão atacar, sem parolas,
As frentes das espanholas,
Mais as frentes das francesas!

A «Viela dos Gatos»

Há dias que está em cena,
No nosso Politeama,
Uma peça já com fama,
Que não é nada obscena.
Essa peça, muito amena,
E' a *Viela dos Gatos*,
Que tem apenas dois actos,
Mas êsses cheios de graça...
E o povinho allui em massa,
Sem receio dos boatos.

BISNAU.

Balancete da semana

Preparem-se, leitores: muito em breve temos «semana portuguesa» em Vigo, — uma semana esplêndida, que deve tornar mais forte o grande afecto antigo que ao bom povo galego sempre ligou a lusitana gente, — ambos forçados como o herói manchego, mas de alma bondosíssima e excelente. Oito dias de gôzo, em bons hotéis, num país formosíssimo também, tão belo que os mais fúlgido pinceis não saberiam retratá-lo bem. Homens leais... Mulheres de encantar, cheias de garbo e graça e bizzarria... Luz azulina pela beira-mar... Céu profundo espelhando-se na ria... Mas cautela! O estômago, levai-o, p'ra o encherdes a cada refeição. Deixai, porém, ficar o coração, — que há paixões que fulminam como o raio! São lindas as galegas. Pescadoras, fazem dos olhos rédes tentadoras, e sabem que também dos portugueses alguns noivos se apañam certas vezes...

*

Tremeu a Califórnia, desabando Los Angeles, Long-Beach e Hollywood: focos do Cine e mais do contrabando, de opulência e de falta de virtude. Um castigo divino? Já de Roma diz um jornal chegado ao Vaticano que Deus puniu Gomorra e mais Sodoma, implantadas no solo americano. Assim será... Porém, se Deus começa a castigar o crime e o vilipêndio por esta forma, horrivelmente expressa, não há cidade aí que não mereça o mesmo terremoto e o mesmo incêndio...

*

Antigamente, p'ra o castigo em massa — bem melhor do que a lava do Vesúvio — havia outro processo: era o dilúvio cobrindo o globo e a multidão devassa. Agora, não; nem é preciso tanto — digo-o com grande mágua — porque não há um justo nem um santo, um Noé que flutue à tona de água.

*

Afiança o *Notícias* de Lisboa, esplêndido jornal, que a quina é uma coisa muito boa e pode cultivar-se em Portugal. Para quê? Amargores já nós temos que farte: sementeira de penas e de dores que nasce e cresce aqui e em toda a parte. De resto, há já quem lhe cultive o macho: gente que se dedica por paixão depois que a batotinha foi abaixo, ao quino... a cem mil reis cada cartão.

A língua futura

Veio a público, há poucos dias, a nova interessantíssima e grata, a quantos se dedicam ao estudo de línguas, — desde a língua grelhada à língua à jardineira, por certo as melhores do mercado, — de que um inglês conseguiu formar um novo código internacional para o entendimento dos povos.

Como o conseguiu? Fácilmente, a julgar pelo que dizem as gazetas. Foi-se a um dicionário e zás: cortou-lhe todos os vocábulos inúteis, em seu parecer. Dessa razia furibunda, escaparam umas escassas 850 palavras e com elas pretende o sábio contribuir para a paz do mundo, provado como está que é a diversidade das 1:500 línguas espalhadas pelo globo, a causa dos desentendimentos entre as nações.

E' caso para dar vivas à Cristina e à Maria Cachucha, mesmo sem o gato com quem dorme.

E esta?

Há quem avenge a hipótese da discutidíssima Atlântida ser situada no Brasil. Decididamente, a vizinhança da América do Norte transtornou os nossos irmãos di lá.

Ainda há pouco vieram a público, em certa imprensa carioca, afirmações curiosas e tidas como indiscutíveis na sua autenticidade, respeitantes ao Dr. Oliveira Salazar, mas êle mesmo se apressou a acabar com a graçola dizendo, na concisão das suas palavras, que teria muito gôsto em ser brasileiro, se no Brasil tivera nascido, mas a despeito da sua muita simpatia pela terra irmã, devia esclarecer a opinião fluminense que o seu nascimento se deu em Santa Comba, terra genuinamente portuguesa.

Agora, findos os ecos dêsse palão, veem com o da Atlântida e se outra coisa não conseguirem, verificarão, pelo menos, o ruído que se formará à roda desta dúvida:

— Será, realmente, o actual Brasil a antiqüíssima terra que certos maduros dizem ter sido o berço duma civilização requintada?

Comentário final

Noutros tempos, as crianças conservavam-se alheias à política dos homens. Ninguém procurava trazê-las para as contingências da má-língua e dos dissabores.

Mas os tempos mudaram, os homens sentem-se pequenos e, como tal, procuram o ridículo para se entreter e vá de pegar nas crianças e obrigá-las a macaquear os actos das pessoas crescidas.

Isto é simplesmente doloroso, obrigando a pensar nas surpresas que o futuro reservará aos pequeninos.

CONVERSA DESFIADA

Feminismo... pesado

Publicou o *Jornal de Notícias*, no seu número de 8 do corrente, uma muito bem apanhada gravura, representando um homem e uma mulher, sentados cada um em seu prato duma balança vulgar, entre os quais se lê apenas a seguinte legenda: **Feminismo. Qual pesa mais?** E segue-se um enorme ponto de interrogação.

Por certo que ninguém se lembrou de responder a pergunta tão complicada, em virtude de, actualmente, ninguém saber quem manda mais em casa do Gonçalo, — se é a galinha, se é o galo, — tal o progresso que as Maritezas e as Mariritas teem alcançado há uns anos a esta parte; mas eu, excêntrico como sempre, vou deitar fala.

Escutem.

Quem pesa mais? E' a mulher, certamente, pois ainda ontem ouvir lamentar-se um carregador da Ribeira, dizendo que a mulher que Deus lhe deu é o fardo mais pesado que até hoje tem levado às costas!

Mas há melhor, para reforçar a minha afirmação. Há mulherzinha que, quando apanha a geito a carteira do infeliz marido... é uma lim... peza... pesa, pesa! — E o homem fica levíssimo! Depois, temos.

A mulher que bate o pé ao galego do seu homem, e que traz êste, coitado, sempre debaixo da sua opressão, sob o seu péso e... que péso!

A menina que faz pressão ao papá ou à mamã para que lhe comprem dez vestidos por mês e um chapéu por semana; que a levem a todos os bailaricos, teatros, cinemas, etc. — e que se torna, por isso mesmo, pesadíssima, vaidosíssima e histeriquíssima mulher.

A sogra. Ai, a sogra!

Um verdadeiro pesadelo para o desgraçado genro.

E segue.

A mulher espanhola pela-se por péso e duros; a portuguesa por pesados cordões, e as damas parisienses — e as de todo o mundo enganador — são doidinhas por fazerem pesadas contas nas modistas.

Enfim, provado fica, à evidência, a supremacia de péso que a mulher tem sôbre o homem.

Uma coisa unicamente está em con-

tradição com o que cito. E' quando a mulher, de ânimo leve, resolve tornar pesado o frontispício do marido!...

Adriano X. NEL.

LIMA MACHADO PEREIRA

abriu no dia 14 a sua exposição no Salão Silva Pôrto.

Oportunamente nos referiremos mais detalhadamente ao talentoso artista.

PERFIS DE BRAGA

I

?



Um Senhor que ocupa dois têrços da Arcada...

Restaurante Portuense

(ANTIGO PINTO)

DE MESSIAS DE ALMEIDA

Rua de Entreparedes, 11 — PORTO

Almoços com vinho 9\$00

Jantares com vinho 10\$00

Diárias com quarto desde 18\$00

Dona Infanta... Dona Infanta

Aos ilustres camoneanos que com tanto afan
queimam as pestanas para averiguar dos amores
do grande épico:

*Paladinos genis que afadigaís
As pinhas discutindo o que eu cantei:
Catarinas, Marias, e outras mais,
A's rimas e com rimas eu amei!*

*Se nêsse belo mundo adonde estais
Vozes dêste se escutam, vos direi:
Em parlendas o tempo não percaís...
O que eu fiz noutras eras o fazei!*

*Meus amigos: deixai de amofinar-vos
E se virdes que pode aproveitar-vos
O exemplo dêste agora feito pó,*

*Renegai a ciência e seus escolhos,
E procurai fazer se haveis dois olhos
Metade do que eu fiz havendo um só!*

(LUÍS DE CAMÕES)

(Pela cópia) FILÓSOFO.

As grandes tiragens

Os tempos vão maus, meus senhores! Vão péssimos. A crise atingiu tudo e todos. A própria Imprensa, outrora tão choruda de lucros e benesses, está agora a vêr-se a braços com uma pavorosa crise, e as suas tiragens, que alcançaram centenas de milhares, não passam hoje de centenas de exemplares.

De vez em quando, porém, cai-nos sobre os olhos um telegramazito consolador, que vale por meses de desânimo e desesperança. Nem tudo é desgraça, graças a Deus!

Leiam isto, que recortamos do conspícuo *Diário de Notícias*:

Valladolid, 8—A esposa de um jornalista desta cidade deu à luz três crianças de um ventre.

Em dezesseis anos de matrimónio, êste casal, teve dezasseis filhos.—H.

A gente lê isto e fica consolado, porque encontra a prova de que as grandes tiragens jornalísticas ainda se não esgotaram de todo.

De onde a onde ainda aparecem as grandes circulações, e as rotativas não foram postas ao abandono.

Os nossos sinceros parabens ao director da tal revista.

Juramento

*Uma gripe intestinal
E uma pleurisia,
Que chegam para um mortal
Ir parar à campã fria,
Teem sido, por meu mal,
Os meus males, dia a dia!*

*Eu até ando a pensar,
No meio das minhas dores,
Se acaso é, tal penar,
Que me faz passar horrores,
— Fartos do meu versejar,
Encomenda dos leitores...*

*Oh, se ao meu estro jocundo
Rogaram praga maldita,
— Causando dano profundo,
Juro aqui, em revindita,
Mandar, até do outro mundo,
Versos à MARIA RITA!...*

ELETÊ.



VARIAÇÕES DO Rifoneiro Português

Esta secção será, como o maior número das mulheres, o mais incerta possível. Sairá quando der na gana ao seu compilador e quando o vagar o permita. Nunca se poderá contar com a sua periodicidade, embora haja a vontade de persistir no intento de dar a conhecer aos leitores dêste semanário as riquezas do nosso rifoneiro.

Aí vão, pois, os primeiros rifões, acrescidos dos respectivos comentários e que cada um escolha o que mais convenha ao seu feitio, ou à sua profissão, ao seu amor, ao seu ódio, enfim, a qualquer coisa da sua vida, porque há de tudo e que serve para todos.

Atendam nas suas lições, que são lapidares.

1—«Água de março é pior que nódoa no pano», quando êle é novo. Sendo velho não tem importância. Põe-se de lado e arranja-se outro.

2—«Água de março, quanta o gato molhe o rabo», se êle deixar. E' sabido de todos que o gato foge da água como o diabo da cruz.

3—«Bodas em março, é ser marçao». Aqui há tôda a razão. Nunca se deve esperar pelo tempo quente para casar. Nas estatísticas do Registo Civil, verificam-se mais nascimentos entre Julho e Setembro, do que nos meses dos grandes frios.

4—«Em março, nem migas, nem couves, nem esparto». Quere isto dizer que um desgraçado há de ir desta para melhor vitimado pela fome. Nem sequer lhe deixam o recurso de Judas.

5—«Em março, tanto durmo como faço». Isto é mentira. Aposto dobrado contra singelo se há alguém que trabalhe 12 horas seguidas e durma outro tanto tempo. Nem que cada um não tivesse outras necessidades.

6—«A amar e a rezar, ninguém se pode obrigar». Pois não, por que isso são duas qualidades que estão no íntimo de quasi tôda a gente, embora uma grande parte o não confesse.

7—«A' boa moça e à má, põe-lhe almofada», senão podem pisar as carnes ressequidas quando passarem já dos sessenta. Todavia, há excepções muito de apreciar.

8—«A alfaiate pobre, a agulha se lhe dobra». Conforme. Se houver alguém com tempo e pachorra para isso, verificará, por certo, que êste ditado não é completamente certo. Deve haver agulhas que não vergam nem com o mais rijo vendaval.

Zé BARNABÉ.

DESCANSO SEMANAL

Fecho para um colar de... Pérolas Verdes HISTORIA CARNAVALESCA

Salvè, 5-3-933

Colhe mais uma flôr na sua residência o ex.^{mo} sr. Joaquim Rodrigues dos Santos. Oxalá que esta data se prolongue por muitos anos, na companhia da sua querida mãe e irmãos.

Fervença, Vila Nova de Gaia.

E' um caso único, com certeza, na família do sr. Santos. Ou há por lá muita estimação pelas flores, ou a residência do sr. Santos dá poucas flores por ano!

O terceiro é do *Comércio do Pôrto* e reza assim

Vende-se por 160 contos

Quinta de rendimento, murada, em Freixo, P. do Lima produz 20 carros de milho, presta-se a exploração de vinha, extensas matas de pinheiros, olival, tres uaseantes de agua, boa casa de senhorio, de castanho e caseiro, currais, erva de pedra, cobertos, dois espigueiros, etc. Tratar com dr. Felix Machado, estação Tamel — Minho.

Ora aí está uma madeira que nós não conhecíamos: a madeira de caseiro. Se calhar é alguma árvore do Brasil que foi importada agora.

E o último, não dizemos de onde é, porque antes do final da sua leitura V. Ex.^{as} ficarão sabendo onde o fomos recortar.

Cá está:

Atenção

Quereis prospetos, faturas, rifas, programas, memoranduns, baratos? Idem á Tipografia Caciense Quinta do Loureiro Cacia.

E' claro que nem podia deixar de ser de Cacia! E' única esta terra, única! Até se fazem *baratos!* E se não acreditais *idem* á tipografia do *Ecos* e vereis.

J. d'A.

Uma novidade de arromba

Brevemente vem para a rua um novo livro do nosso director *José de Artimanha*.

Como não podia deixar de ser, chama-se êle **Um ar da minha graça**, e das duas uma: ou está destinado a ser vendido ao quilo, ou a ser coroadado de um êxito maior (será possível, meu Deus!) que o seu primeiro livro, o *Tri-bunal dos pequenos delitos*.

O que fôr, soará.

Berrou, barafustou, esgrimiou contra os moinhos quixotescos, esgotou o vocabulário da praça do peixe, e no fim, não tinha dito nada que pudesse defender o seu constituinte, nesta altura já alapardado atrás da porta do forno.

E' claro que tôdas as palavras preferidas pelo defensor, todos os insultos, tôdas as porcarias que lhe saíram da bôca eram dirigidas ao tal espectador que não usava disfarce, e entremeadas com as palavras da praxe.

— *Tu conheces-me?... Tu conheces-me?...*

Era o conheces!... Pois se êle nem a ponta do nariz deixava a descoberto!... (*Sôbre isto êle poderá fazer um trocadilho muito da sua predilecção*). Podia encobrir debaixo daquele balan-drau enorme um armazém de vinhos que nem os cascos se veriam!

E mais, e sempre... Depois, foram as carrojeas quem lhe emprestou o fraseado. E por último, nem as colarejas tinham palavras que lhe servissem.

Só de quando em vez, o sacramental:

— *Tu conheces-me?...*

E depois de ter esgotado tôda a série de baixeiras, pretendeu tomar um ar de pessoa digna, puxou mais sôbre o queixo o capuz onde se rasgava o recorte infamante da bocarra, e esgueirou-se por entre a multidão deixando o pobre mascarado a comer o pão que o Damião amassou.

Foi-se... E só ao pretender tomar a atitude de uma pessoa digna, é que se notou a dificuldade fantástica que tinha em consegui-lo, dando a todos os presentes a resposta à sua pergunta constante.

— *Tu conheces-me?...*

.....
Conheço, conheço... és uma pérola... falsa!

E agora, para amenizar um bocadinho a estopada acima, vamos dar a V. Ex.^{as} alguns anúncios curiosos.

O primeiro é recortado de um envelope da casa *A. Barbosa de Braga*.

A todo o comprimento das costas dêsse envelope lê-se o seguinte:

**Deus fêz a luz e a claridade
E o Barbosa conduz a electricidade**

E' original e deve dar dinheiro.

O segundo é do *Primeiro de Janeiro*, e do teor seguinte:

Eu assisti aquilo. Por isso posso contar com conhecimento de causa.

Num baile de Carnaval, dêste Carnaval que a gente brinca todos os dias, apareceu uma criatura mascarada de pessoa culta, grandes óculos a encobrir-lhe o pestanudo dos olhos, uma cartola alta, enorme, para esconder as orelhas e uma sobrecasaca compridíssima para disfarçar o rabo. Quem no visse assim, podia confundir-lo com uma pessoa distinta, um jornalista até, director de uns *Ecos* quaisquer, e capaz de fazer um artigo de ir pró fundo.

Coberto pelo disfarce, passeava por entre os comparas descuidados, e com franqueza, raras vezes davas pontapés, a não ser numa desgrenhada e desprezada criatura que vinha disfarçada de *gramática*.

A certa altura do baile, o nosso disfarçado, ou porque tivesse bebido de mais ou talvez porque se convenesse da sua superioridade em escoutear, tornou-se notado por alguém que estava na festa como simples espectador, sem máscara, sem disfarce, e apenas com o jocoso comentário dos espectadores.

Já então todos os outros tinham visto o rabo a bambolear-se por debaixo da sobrecasaca, e as orelhas a arrebitem-lhe a cartola. Mas ninguém tivera a ousadia de o declarar em voz alta... Foi aquele, o tal... o espectador que não ia mascarado, o único que em público e raso declarou que o disfarce não era completo, e que se tinha encoberto quasi todo o pêlo, não podera encobrir os pés porque a medida dos sapatos não constava das sapatarias.

Todos se riram e todos de aí em diante, desataram a dizer-lho às escâncaras, aberta e abruptamente.

Todos, não! Houve uma máscara, um esfumado marinho, um glóbulo branco, um molusco, uma substância córnea, enfim uma pérola, que saíu à estacada a defender o tal *jornalista*.

Pedi a palavra e disse o que lhe apeteceu, o que sabia e o que ouvira de insultuoso às peixeiras de Espinho.

NAS

Galerias Lafayette

— da RUA FORMOSA — PORTO —

todos os artigos
teem um cunho
parisiense inexcêdível

AUX GALERIES LAFAYETTE

Istimo qui[m] mecês ao rêcêbê estas minha linhas esteje bons em companhia di mecês todo.

Eu não tenho escrevido a mecês, porque tenho estado incomodado da saúde di minha sinhora.

A's coisa aqui estão brava mêmô.

Seu Filores da Cunha botou um *ultimatum* ao dês-governo di Gétulo Vargas, lhe dizendo qui não podia consenti não obstante qui si fizesse às eleições sem está prêsente os emigrado político.

Mais êste Filores está besta!

Na Abissínia votam os emigrado ausente, os falecido ausente e tudo ausente; não sei, pois, porque seu Getulo vem agora incómódá as governação di Getulo qui é um home presente.

Em vista do sucêdido, Gétulo mandou nomear Filores para o lugá di *Curadô dos Emigrado Eleitôres Orfes da Pátria Ausenti*.

Reina as maiores tranqüilidade mais se espera-se a todo os momento qui não reine mesmo.



Rosa Branca

Rosa Branca, costureira,
O modêlo de escultura
E de rara formosura,
E' tôda a minha canseira!...

Bendita pois a roseira
Que deu rosa assim tão pura!...
No ideal jardim figura
Como sendo ela a primeira!...

Ela tão formosa flor
De bom perfume subtil
Inebriante do amor.

Foi comigo bem gentil,
Em aceitar o calor
Do meu coração febril!...

Alfredo Cunha (RAZA).

INQUIRONIC DI O BRASIU

O caso di Gondim

Tenho lido o que os jornais portugûês tem escrevido com respeito ao caso di êsse mácaco meu irmão infêlizmente chamado Gondim e ápileudo com os quatro membro o qui si tem escrito sôbre o dês-naturado escritô.

Mais não valia a pena, não, leitô, meu bem, está-se a incomodar-se com

êsse Gondim, porque é mais um menos um.

Aqui nois todos dizemos mal dos portugues, a quem chamemo mêmô mon-dronga pé-di-chumbo.

Todos, todos, todos, digam lá o quizer.

Só quando veem às coisas mal parada é qui aparece protestos di escritô e outras coisas bonitinha, mais no fundo

é tudo cávação para fazer os seus negócios di ganhá os cóbri.

E' verdadi que mecês nos pagam em a mesma moeda e não ficam atrás di nós e si ficassem nois têriamos qui mêtê à bunda no sêguro qui mecês são mêmô sáfado, meu negros!

Mecês sabem como é, não?

Aqui os brasileiroinhos qui faiz festas nácionais à *Mãe Preta*, jurga qui é

vergonha sê dêscententi di portugûê e vai di aí si pôi-se a fálá de indios e macacos, mais um dia qui vê mêmô qui é vergonha, não é?, si pôi á fálá na *continuidade historica* e nos abraço inter-atlânticos di qui o João di Barros é caixêro viajante e cobrancista... Mais no fundo, bem no fundo, brásilêro e portugua são dois inimigo bátuta di todo.

A mim mi faz alebrá na remem-brança di as minhas idêa qui êsti caso di portugueses e brásileros é muito párcido com a história di dois irmão qui andam sempre se pêgando e se enxovalhando-se mútuamente, se esquecendo-se qui tudo nêsti orbi medonho si podi destruir-se menos as irmandade di nação...

E' tairvez por isso que aí no Pôrto ainda vive a Irmandade da Lapa...

Ah! é verdadi, já me esquecia di dá os parabens a mecês qui vai ser aprovada com certeza por unanimidade di votos.

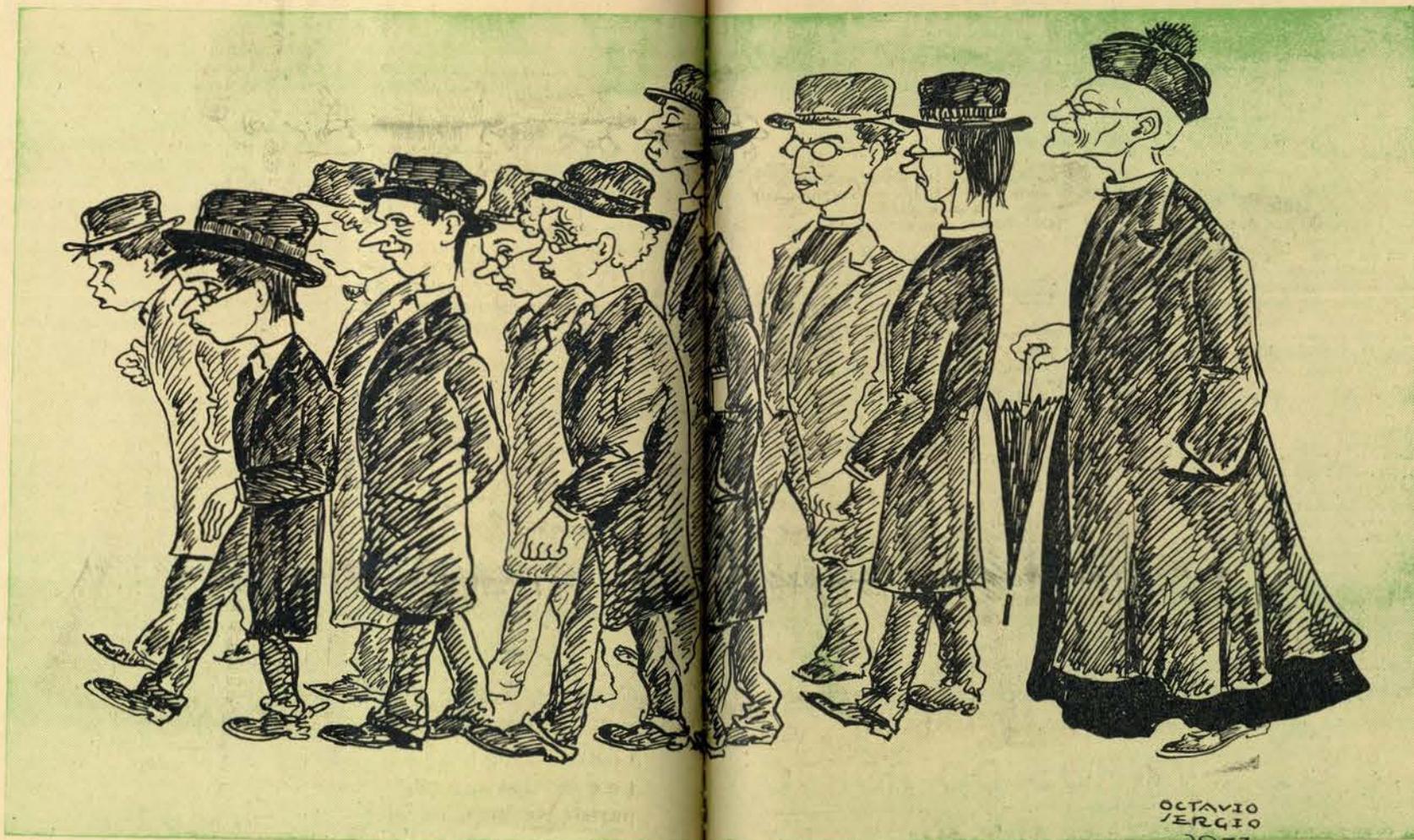
Os portugues qui aqui estão diz qui vota todos.

Aceitem mecês um apertado beijo di êste vosso inquironista,

Dr. JACARANDÁ.



FRUOS SEMINARISTAS



Oh! Virgens que mais ao sol poente!...

Pergunta ao grande poeta Adriano X. Nel

Grande favor te pedia
se maçada te não dou,
quem seria o « grande artista »
que te caricaturou?

Pois se tu és tão « guapo »
e da elegância tens tudo,
quem seria que arranjou
um rosto tão bolachudo?

Careca, já sei que és
A-pesar-da tenra idade
que p'ra saber que eras tu
tive grande dificuldade.

Por certo que há carne a mais
nessa cara de marau,
pega lá um grande abraço
e um Xi do...

PIRILAU.

A MELHOR QUE EU SEI

Anedotas, Epigramas & Calemburgos

No número 46 da MARIA RITA, foi premiada a anedota n.º 175

N.º 186

Num estabelecimento, um brasileiro, que conversava com o dono da casa, aproxima-se da porta e, notando que principiava a chover, volta-se para dentro e exclama:

— Vou-mi já, qui 'stá pingando.
E saiu.

Remetente: Busina.

N.º 187

Preguntando uma senhora a um sacerdote, qual a razão porque no Paraíso não havia casamentos quando o matrimónio era uma instituição divina; será, talvez, porque ali não hajam mulheres?
— Perdoai, senhora, há mulheres, e muitas, respondeu o padre, mas o que ali não há são tolos.

Remetente: Rei dos Borlistas.

N.º 188

— Sabe quem está muito mal? — diz um pintor à rapariga que lhe serve de modelo.
— Quem é?
— O pobre Anastácio, aquele meu colega que pinta tão bem os touros.
— E o que tem êle?
— Meteu-se com um modelo.

Remetente: Reirobi.

N.º 189

Diálogo entre dois pintores:
— Anda lá: vê se encontras aí no bôlso 20 escudos para me emprestares...
— Tu estás tolo!... ou julgas que eu não vesti o meu casaco?

Remetente: D. Duarte.

N.º 190

Diálogo, estilo Júlio Dantas, entre um general, velhote dos seus setenta e tal anos, em vésperas de se casar com uma rapariga de vinte-e-cinco, e uma aristocrática marquesa, saudável, dos tempos idos:
— Com que então, general, sempre é verdade que você se vai casar, agora, nessa idade, e demais a mais com uma rapariga tão nova?! Ora diga-me cá uma coisa: como é que você conta sair-se de uma dessas?

O general, curvando-se, gentil mas meio agastado:
— O' marquesa, pelo divino amor de Deus! O sair não é o que me há-de meter mêdo!

Remetente: Amor do Luar.

N.º 191

Um empregado de praça de certa casa comercial, entra na casa de um seu cliente, do qual espera obter uma grande encomenda.

Sacou da carteira que trazia repleta de cartões, da casa que representava, e entregou um ao freguês. Enganou-se, porém, e, em vez de entregar o cartão de reclame, entregou a fotografia de sua esposa, dizendo: — Eis o artigo que ultimamente mais se tem vendido...

O comerciante examina, longa e atentamente o belo clichê; depois restitue-lho sorrindo: Bem se vê que o senhor deve ter muitos fregueses...

Remetente: Horácio Ferreira.

N.º 192

Entre o professor e um aluno, numa aula prática de Zoologia, estudando a anatomia do porco.
Professor — Quantos dentes tem o porco?
Aluno — Não sei, porque V. Ex.^a ainda não nos mostrou isso.

Remetente: Ahcor.

N.º 193

Um tabelião, no acto de fazer testamento a um saioio, pergunta-lhe:
— Quantos filhos tem?
— Cinco senhor... e três que morreram, oito.
— Como se chamam os mortos?
— Lá na minha terra, senhor, chamam-se defuntos.

Remetente: Luciano da Rocha.

N.º 194

Na aula de geografia o Alexandre Vieira era interrogado pelo padre Mariz:
— Qual é a circunferência da terra?
O Vieira prontamente:
— F' de dez léguas.
O padre Mariz, irónico:
— Bem, amanhã mandamos arranjar o farnel, alugamos um burro em Avelans de Caminho, e vamos dar a volta ao mundo. Saimos de manhã e à noite estamos em casa.
Verídica. O Alexandre Vieira ainda vive em Anadia.

Remetente: F.

N.º 195

EPIGRAMA

Foi-se Júlia confessar
E o seu padre confessor
Vendo-a tão linda e perfeita
Sentiu subir-lhe o calor.

— Como se chama a menina:
Pergunta o padre abismado?
Responde logo a pequena:
— Meu nome não é pecado.

Remetente: O artilheiro de 1836.

N.º 196

— Ah! patife, que vens outra vez bêbado!
— Qual bêbado...
— Nesse estado sabes aonde vais parar? A's costas de Africa.
— Enganas-te, mulher! Neste estado não passo daqui.

Remetente: Dr. Casto.

N.º 197

Diálogo conjugal:
Ela — O caminho é muito íngreme. Se houvesse um burrico que me levasse...
Ele — Apoia-te ao meu braço, tonta!

Remetente: Zé Barão.

N.º 198

Num combóio da linha da Trofa.
O Professor, para um aluno que ia a seu lado:
— Sabes dizer-me quantas estações tem o ano?
— Tem quatro.
O professor: Sabes em que estação estamos?
— Em Barreiros.

Remetente: Lutra Luar.

N.º 199

Um inglês, casado recentemente, encontrou na rua um português seu amigo, que lhe perguntou:
— Como vai a sua esposa?
— Oh! Madame, bom cozinheiro, sim senhor.

Remetente: Zé Guerra.

N.º 200

Numa mercearia entram duas senhoras e pedem queijo.
O patrão, impossibilitado de as atender, diz ao caixeiro:
— O' Gabino mostra o queijo a essas senhoras.

Remetente: Albardeiro.

N.º 201

No hospital:
Um doente, prestes a dar a alma ao criador:
— Senhor enfermeiro, faça-me a última vontade, dê-me um copo de vinho, mas... sem espuma.
— Porquê?
— Porque sempre ouvi dizer que a espuma faz mal ao baço.

Remetente: José R. Viana.

BARROS



VINHOS DO PORTO

DE

QUALIDADE SUPERIOR



FOLHAS DE ALFACE

CARTAS DA CAPITAL

Minha querida MARIA RITA:

Em frente da minha janela há uma figueira de certa idade, que dá sombra ao meu quintal, quando tem folhas, e figos ao meu vizinho, quando tem figos.

Eu não sei nada de botânica mas palpita-me que a figueira é das árvores mais preguiçosas; um vegetal que dorme muito e se levanta tarde, só abrindo um olho, e outro olho, e outro ainda, quando já o pesadelo das chuvas e dos frios se sumiu, com todo o seu fragor de digestão difícil.

O dono da figueira e do seu figo, é um homem que deve ter seus quarenta e tal, — sensivelmente a idade da figueira. Funcionário pontual (juro que existe a espécie...) todos os dias sai à mesma hora, fecha com a mesma mão a porta da sua casa, e alonga pelo passeio os seus passos regrados, nem grandes nem pequenos. Ao sair, olha o tempo, circularmente. Anda seis meses de sobretudo, com o mesmo método com que andaria outros seis «de corpinho bem feito» — se fôsse escultural...

Esta manhã, ao acordar, senti na luz, no ar fino, na claridade dos pregões, certo frescor tépido e macio.

Fui abrir a janela.

Poisaram-se nos meus olhos alguns olhos da figueira, verdes, luminosos, estremunhados...

Na rua, um cão que descia, apressado, a farejar o chão, parou de repente e, com uma violência regalada, desatou a tanger, na guitarra peluda que lhe servia de ventre, um fado epilético.

Pouco depois, à hora de sempre, o meu vizinho saiu de casa. Olhou em volta. Notei-lhe um garbo renascido, no bigode grisalho. Mediu a cor do céu, a transparência do ar. E caminhou, rua abaixo, sem sobretudo.

Concluo de tudo isto que chegou a Primavera, — com o relógio um pouco adiantado, mas feliz.

Como é sabido, a Academia Francesa recorre à rádio-difusão para espalhar por ares e ventos a conspícua transcendência do que se define no seu seio. E a nossa Academia fez o mesmo.

Acabou-se, para o orador, a sensação desagradável de falar às cadeiras vazias, a uma sala onde as mósas retoçam, a um vasto sarcófago de sólido e de poeira. Um pequeno aparelho rádio-difusor, fraternalmente entronizado ao pé de um copo de água pasteriologicamente puríssima, — e aí temos o orador certo e seguro de que um público numeroso o acompanha na sua dissertação, lhe bebe as altas palavras sem se importar com que elas lhe cheguem cavernosas e trebuchadas, roufenhas e comidas de «parasitas».

E' preciso, no entanto, muito cuidado com os aparelhos rádio-difusores.

Li num jornal francês que um ilustre académico, — Henri de Regnier, salvo erro — leu um lindo discurso, nessas condições. Alturas tantas, os presentes notaram nele certa atropalhação, um rebuscar afanoso de papelada; mas o fio do discurso não foi cortado, e o seu elegante recorte nada perdeu.

Os outros, os espectadores remotos que ouviam apenas a voz do académico surgir de um caixote envernizado — o milagreiro caixote que traz as vozes a domicílio... — tiveram porém uma surpresa. A voz académica suspendera um momento o seu solene gorjeio; e uma voz humana,

a voz do aílto Henri de Regnier, dava-se, baixo, numa raiva concentrada, a um praguejar que pode traduzir-se assim: — «Com seiscentos! Querem ver que perdi uma folha?»

De todo o coração desejo que o rádio-difusor da nossa Academia não tenha a mesma implacável indiscreção.

Se tu, MARIA RITA, amanhã desses a uma manivela para te encharcasses, em casa, de transcendência e profundidade académicas, — seria triste que do teu caixote, onde uma luzinha magana e baça te espreitaria, surgissem esta formosura e este precalço: — «Buffon descalçara, no boudoir de Julie de Lespinasse, os seus punhos de renda de Maltes; loira como uma Lady, os olhos nubladados por um nevoeiro londrino, a alma tocada de spleen, «Madame Julie» olhava o subtil naturalista; um coup foi desferido na aldraba de cobre rendilhado que vincava, sobre a porta de teca, os requintes século XVIII da gentil *maitresse de maison*. Inquieta, Madame Julie encarou Buffon. A sua voz moderna style ciciou: — «Querem ver que Lacépède... — Onde raio terei eu metido o linguado seguinte?»

O Japão abandonou, ou vai abandonar, a Sociedade das Nações. A América, que lançou a ideia, foi como estes Bancos que colocam emissões de acções esplêndidas, — mas as impingem aos fregueses sem nenhum desejo de serem, eles próprios, acionistas. Agora, ao que parece, a Alemanha ameaça também largar de mão a conspícua Sociedade. Quere dizer, às duas por três a Sociedade tem tudo, menos sócios. Manda a verdade dizer que aquela geringonça há muito que não é uma Sociedade, e sim uma Sociedade... quando nas cómodas instalações do grémio figurarem apenas um representante da Inglaterra, que é muito rica, da França, que tem muitos oradores disponíveis, e um cidadão de Caracas, — o último reduto da ilusão, sobre a terra — o mundo verificará que, se todos se absterem de Genebra, não valia a pena assassinar a Lei Sêca.

Dispõe do

Tomaz Ribeiro COLAÇO.

Papelaria MARIZ

53, Rua das Oliveiras, 55 — PORTO

(Junto ao Teatro Carlos Alberto)

Bons papeis de carta, 50 folhas e envelopes, caixa a 2\$20, 2\$80, 3\$00, 3\$50, marca Tango a 4\$20, outros a 5\$00, linho finíssimo a 6\$50 e 8\$00. Papeis de fantasia, lindíssimos, desde 6\$50 a caixa.

Cadernos para estudantes da Universidade, Liceus e Institutos, em quarto, óptimo papel, de 20, 40, 80 e 100 folhas a \$50, 1\$00, 2\$00 e 2\$50, com lindas capas em cores,

Façam as suas compras, sem demora, que protegem os seus interesses.

Ensinamentos práticos

A caça aos grilos

Leitores: aproxima-se a época dos grilos. Está a chegar (já oiço os seus passos...) o tempo em que os prados e os campos perdem uma grande parte da sua estúpida monotonia e do seu rançoso silêncio, com o cantar dos grilos, que, numa zoad constante de cri-cri, embalam os nossos sentidos, propensos às comições bucólicas. (Caramba! Sempre estou com umas cólicas... poéticas!)

Não há menino ou menina que desdenhe ter um grilinho. E' vê-lo pelas janelas, em minúsculas gaiolas; esfregando as mãos de contentes, digo, esfregando as asas e disparando (que série de disparates, as mais graciosas notas líricas.

Mas um grilo comprado, não tem tanta graça como um caçado, nem canta tão bem. Parece que os vendedores lhes cortam a língua, para que os compradores caiam... com língua de palmo, em ir comprar outros.

Ora, eu vou ensinar a maneira de caçar grilos, sem perigo de sermos atacados por êsses paquidermes.

Este desporto é mais aconselhável a jovens ainda novos, pois os velhos... teem mais dificuldade em encontrar o buraquinho.

Portanto, dois jovens, um de cada sexo, abinçam para o campo, levando ela uma gaiola e êle uma palhinha. As tocas dos grilos conhecem-se, por terem, em geral, umas sementinhas à porta. Logo que se encontra uma, deve-se afastar, com todo o geito, a relva que guarnece a entrada do buraquinho. Em seguida, o rapaz mete a palhinha e começa a mandar cócegas lá para dentro. O grilo, com uma grande vontade de se rir, não resiste: despeste-se da família e vem... embora cá para o exterior de fora. Deita-se-lhe os gatazios, — e mete-se na gaiola.

Em seguida regressa-se a casa — para que a família não estranhe a demora — cantando, com a gaiola espetada num pauzinho:

Aos grilos, uma caçada

E' desporto que consola,

Não há que ver...

Não nos custou mesmo nada

Meter um nesta gaiola...

e o grilo, muito aborrecido, remata:

Vai-te... despir!

BISNAU.



A Adega Ideal do Lavrador

tem actualmente espalhadas no Pôrto, Foz, Matozinhos e Valadares-Gaia, 14 ADEGAS:

R. do Bomjardim, 361-364 (Esq. da Trav. de Liceiras), Telef. 5617; R. das Fontainhas, 193-195; R. do Teatro S. João, 91 (Vulgo Cima de Vila); R. de Santa Catarina, 82S (Frente à R. G. Cristóvam), Telef. 5802; R. da Constituição, 1395; Av. Fernão de Magalhães, 53-55, Telef. 2484; L. Maternidade Júlio Denis, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno); Trav. da Bainharia, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores), Telef. 905; R. Anselmo Braancamp, 633; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7. NA FOZ — R. Senhora da Luz, 238-242, Telef. 314 — Foz. EM MATOZINHOS — R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto, Telef. 275 — Matozinhos. EM VALADARES — R. da Estação.



A PENSAR MORREU UM BURRO

ÓRGÃO IMPRESCINDÍVEL AO BOM FUNCIONAMENTO DO PENSAMENTO NACIONAL

CHARADAS, ENIGMAS E PREGUNTAS SOFISMÁTICAS

I ANO - N.º I

DIRECTOR — ZÉ CAGANCHO

18 DE MARÇO DE 1933

Este suplemento hoje iniciado, vem preencher uma lacuna absolutamente indispensável. Está comprovado por estatísticas demográficas, que de entre 100 portugueses, são charadistas enraizados, pelo menos, 103 e meio.

Porque esta vida, meus senhores, quando não é uma charada que não tem nada de «novíssima», é, pelo menos, um enigma multíssimo pouco figurado.

E já que assim é, porque admirar-se a gente que a MARIA RITA ponha semanal ou quinzenalmente a sua fôlha de charadas?

«Quem adivinha vai para a cozinha», diz o povo. E nós teremos muito gosto em saber que todos os charadistas portugueses vão para a cozinha, de MARIA RITA na mão... para decifrar tôdas as charadas nela insertas.

Ao iniciar esta secção, que será colaborada por todos aqueles que o desejarem, não podemos deixar de erguer louvores ao nome do sr. **Anastácio José da Silva**, comendador da ordem da Esfinge, do Egipto, e o homem mais enigmático que tem a Invicta cidade.

Hurrah! Pelo Anastácio!... Hurrah!

Ay que ver...

— que tôdas as charadas, terão cabidela neste suplemento. (A-pesar-de tudo, sempre preferíamos as *velhíssimas* que são bem mais perfeitas);

— que tôdas elas, deverão ser **ca-cianas**. Isto é: com um **erro ortográfico**, ou no total do conceito, ou nas parcelas;

— que não é necessário mencionar dicionários;

— que deverão ser escritas apenas dum lado do papel;

— que os enigmas só poderão ser condensados, ou frases feitas que não obriguem a Deusas, notas musicais ou rios esquisitos.

Entre os produtores e os decifradores, serão feitos concursos interessantes e lucrativos.

As decifrações deverão estar na nossa redacção até ao sábado seguinte, porque as soluções só serão dadas 15 dias após a publicação.

No restante, serão observadas as costumadas regras.

E agora vamos a isto que estão ali a chamar-nos.

Pergunta sofismática

(1) Qual é a coisa que a mulher, às vezes, mete na bôca indevidamente, porque pertence ao homem?

Zé Cagancho.



Charadas em verso

(2) Agora, meu bem perdido — 1
Cinco dias já passados — 2
Vejo que fui iludido
P'la mulher dos meus pecados.

Lérias.

(3) O homem quando é tenaz — 2
Tem o *queixo* arrebicado — 2
Uma vista a ver p'ra trás
E o pensar obsecado.

J. U. Linho.

(4) Estive em casa do Carneiro — 1
Que é um homem primoroso
Tem um coração bondoso — 1
Mas é muito *lambareiro*.

Zé Cagancho.

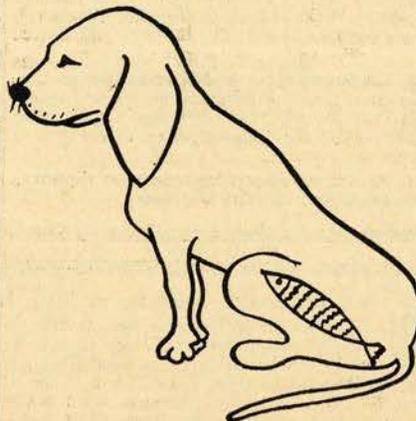
(5) Em casa do Cardinal — 1
Homem afável, gentil,
Mostraram-me um *animal*, — 2
Que constatei ser reptil.

Rei das Musas.



ENIGMA CONDENSADO

(6)



(7) Que inteligente *animal* — 1
Mandei vir lá do sertão
Diz missa *si bien qui mal* — 2
E cultiva o cantochão.

Esgueirou-se da gaiola
Há dias (*mas que imprudente!*)
E foi tocar pianola,
Em casa dum meu parente!

Rei das Musas.



Novíssimas

(8) — *Duas vezes* esteve naquele *cêsto*
uma *titular* — 1-3.

Sarampesmo.

(9) *Ande, disfarça a leitoa* — 1-2.

Lérias.

(10) — *Ide* matar com uma *pedra* aquele
peixe — 1-2.

Sarampesmo.

(11) É sempre *a favor* do trabalho bem
acabado, o *primoroso* Pérola Verde — 1-2.

Lérias.

(12) *Eu, em França*, não fiquei *milionário*
porque *não sou fino* — 1-2.

P. Dante.

(13) Na *China* existe um *Deus* que o *José*
disse ter calor no sim senhor — 1-1-1.

Rei das Musas.



Maçada geográfica

(14) Formar o nome de uma terra portuguesa com as letras da seguinte frase:

ECOS DE CA...VAR, NAM, ZÉ?

Sepol.

P. S. — Também haverá um quadro de honra que não desonra ninguém. Para isso é necessário que todos os colaboradores e decifradores indiquem a charada da sua predilecção. Será o seu autor que ingressará no quadro de honra. Três subidas dão direito ao retrato com tôdas as letras. Também os totalistas terão direito a qualquer coisa.

Quem é?

Co'o nome duma rainha
Que viveu em Portugal,
A actriz da adivinha,
Fêz também a partidinha
De ser rei fenomenal.

O apelido final
— Podem crer que não é fita —
E' exactamente igual
Ao dum escritor colossal
Da linda MARIA RITA.

LÉRIAS.

Anexim

Há dias aconteceu
Este caso bem vulgar,
Em casa do Amadeu
Onde estava a almoçar:

Chamando pela minha mana
Atendeu a Ana Guerra
Disse-lhe eu: não é com a Ana
.....?

Henrique CARDOSO.

Decifrações do número anterior — *Quem é?*
Dr. Campos Monteiro; *Anexim* «Quem tem um
burro e o vende, lá se entende».

Matadores: Mário Soares, José Ribeiro da
Silva, Francisco José Rodrigues, Joaquim Mon-
teiro, Fantasma Negro, Tom Mix, Lérias, Pirlau,
Zé Barão, Au-Rio.

As soluções desta secção tem de ser entre-
gues na nossa redacção até às dezóito horas
de terça-feira seguinte.

Posta restante

Sepol — Já deve ter começado. De contrário,
apite...

Lérias — Tudo serve... Mande sempre. Tenha
cuidado com as pèras e os marmelos.

Zé Barão — O amor faz do longe perto.

Bisnau — Quási tudo, ou tudo mesmo que nos
enviou tem saído. O que fazemos, porém, é dosear
as produções.

M. Calarrão — *Queluz* — Tudo a postos e
sempre às ordens.

Rutra Luar — Como foi que a sua carta só
nos veio parar à mão na última Sexta-feira? Sobre
o caso Ferreirinha, bem sabemos que não é o
mesmo. O de Cacia deve ser um usurpador.

Seu... girdor — Mande, por favor, cada
produção em seu papel. Nada nas costas, ouviu?
Comilão das Tripas — Sairá.

H. Cardoso — Tenha paciência, os correios
também colecionam. Quando fôr assim mande pedir
os números que serão enviados sem espórtula.

Colega MARIA RITA:

Encontrei hoje o meu amigo Afrânio,
um neura terrível e um pessimista de
alto lá com êle.

Contra o costume, o Afrânio, vinha
hoje alegre e comunicativo.

Estranhei o facto e não resisti à ten-
tação de lhe perguntar a que era devida
aquela boa disposição.

A resposta não se fêz demorar:

— Tu imaginas lá! Tenho-me rido
como nunca julguei rir. Ia quási dizer
que matei a minha neurastenia. Aquele
Gondin, o autor de «Portugal na His-
tória», é que fêz o milagre. E' um
humorista, um grande, um formidável
humorista! Imagina que *seu* Gondin
cai de cócoras perante *nuestros her-
manos*, espanja-se como papagaio pal-
rador e usando de palhinha para coçar
o sítio onde as costas mudam de nome
desata a berrar que os portugueses são
uns bandidos, uns sabujas, mondrongos
e antropófagos.

Um humorista êste Gondin! Se eu
fizesse parte do Govêrno Federal de
seu Getúlio, dava-lhe um prémio cho-
rudo e mandava-lhe erigir uma estátua
na qual poria o dístico «A Gondin, o
grande humorista, a pátria reconhecida».
Sim porque é pena que a um
homem daquele quilate, patriota desde
a biqueira do sapato cambado até à
cabeça, aquela cabeça que é um poema,
a pátria não lhe erga um monumento
que mostre aos vindouros o príncipe
dos humoristas *di lá*, dos *manducas*
que ainda sentem a nostalgia das pe-
ninhas na cabeça.

E a propósito vou contar-te uma
anedota passada com brasileiros, com
brasileiros género Gondin.

Seu Juvenal era casado com môça
bonita, com cabocla de peitos de rôla
como dizem os Gondins. A môça era
séria. *Seu* Juvenal vivia feliz. Comia
banana todos os dias e pavoneava-se
com a sua baratinha. Ora aconteceu
que um D. Juan atrevido começou de
lançar olhares concupiscentes a Ju-
quinha. A Juca queixou-se a *seu* Juvenal
e *seu* Juvenal planeou grossa partidinha.

Chamou Juca de lado e disse-lhe:

— Tu dás sorte a êle, hein! Chamas
mesmo êle a teu quarto e depois quando
êle te fizer mal tu gritas por teu marido.
Mas antes obrigas êle a pôr os sapatos
fora da porta do teu quarto. Eh! Papa-
gaio! Vai ser partida falada!

Juquinha seguiu à risca as recomen-
dações do marido e o que é certo é
que D. Juan foi a casa da cabocla ao

rendez-vous marcado por ela. Já no
quarto de Juquinha, D. Juan, portou-se
como homem sabido e deu o primeiro
beijo. Juquinha gritou por *seu* Juvenal,
mas *seu* Juvenal não deu acôrdo de si.

D. Juan avançou mais e passados
momentos punha fora da porta os seus
sapatos elegantes.

Juquinha ainda voltou a gritar por
seu marido, mas êste voltou a fazer
ouvidos de mercador.

A cabocla de peitos de rôla rendeu-
-se às carícias de D. Juan e êste pas-
sada uma boa hora calçou os sapatos
e safu.

Juca compunha ainda o seu vestuário
em desordem quando *seu* Juvenal entrou
de rosto sorridente.

— Então *seu* Juvenal! gritei e Você
nada...

— Cala Juquinha... êle já lá leva
o castigo.

— Mas que castigo?

— Que castigo! Ora que castigo!
Fiz-lhe *chi-chi* nos sapatos, hein!

A língua portuguesa foi enriquecida
últimamente. Assim, em Coimbra, é já
tomado como insulto grave o chamar-
-se Gondin a alguém.

Gondin ficou sendo sinónimo de ca-
lino, parvo, imbecil. Uma *Gondinada*
é uma calinada, uma parvoíce.

Noticiam os jornais que um pro-
fessor estrangeiro, Walter Wilcox, diz
que dentro em breve não haverá mais
estúpidos no mundo. A ser isto ver-
dade que irá ser de todos os Gondins
espalhados pelo mundo? Morrem de
fome, por certo, por já não haver quem
compre os seus livros!

Abraça-te o

MIL REIS.

A Estante da MARIA RITA

Canções para o fado — Guitarradas,
por José Alves.

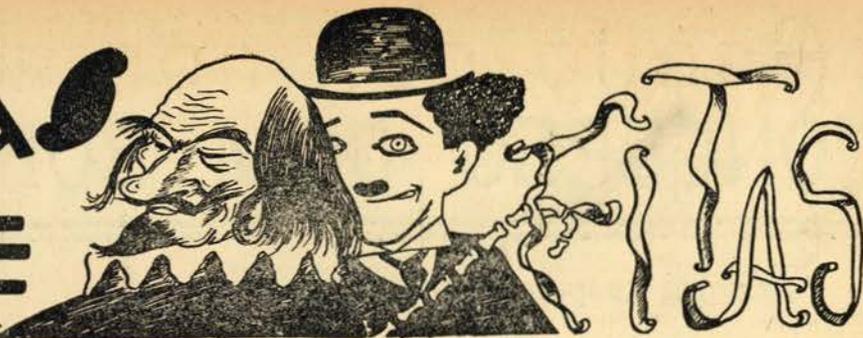
José Alves, nosso colaborador de vez em
quando, é um apaixonado da canção nacional.
Ao mesmo tempo é um temperamento de artista,
e como tal cultiva a poesia apropriada à nossa
canção.

O folheto que vem de publicar com o título
acima, demonstra suficientemente os seus dotes de
poeta popular.

Obrigado pelos dois exemplares.

PEÇAS E

DE FAVEN
1927. C. V.



Associação fúnebre e familiar de todos os sexos

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Drama em 2 actos completamente parados

A cena representa a moderníssima sala das sessões solenes desta prestante colectividade.

Em vez das consabidas cadeiras de palhinha, moderníssimas e confortáveis chaise-longues, onde os accionistas se espreguiçam enquanto não soa a hora.

Encimando a mesa da Presidência, o retrato do fundador da Associação, do antigo tesoureiro e o do actual Presidente. Três pessoas distintas... distintíssimas.

PRIMEIRO ACTO

O SR. PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL—Meus senhores: Está aberta a sessão. Dispensó a contagem, porque, como sabem, ela hoje, funciona com qualquer número (para o 1.º secretário)—Queira ter a bondade de ler a ordem dos trabalhos...

UM ACCIONISTA (bocejando e estirando-se na chaise-longue)—Oh! Ah!...

OUTRO ACCIONISTA (na mesma, para o colega da direita)—Boa noite. Assim que fôr a votação, faz-me o favor de me acordar, sim?

O 1.º SECRETÁRIO (lendo)—Por ordem do Sr. Presidente da As. Geral, tenho a honra de convidar todos os accionistas desta Associação a assistirem à Ass. Geral Extraordinária que se realiza siné-dia, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º Discussão e aprovação dos novos estatutos.

2.º Discussão de assuntos de interesse geral.

O PRESIDENTE—Antes de entrarmos na ordem dos trabalhos, dou a palavra a qualquer accionista que queira tratar de questões prévias.

UM ACCIONISTA—Peço a palavra.

O PRESIDENTE—Tem a palavra o ilustre accionista.

UM ACCIONISTA (erguendo-se a muito custo)—Desejava interpellar a mesa para saber qual a razão porque em vez destas incómodas chaise-longues não foram colocados nesta sala leitos confortáveis e macios. E lavro o meu protesto neste sentido...

(De diversos lados, ouvem-se entre O' O's, palavras de assentimento).

O PRESIDENTE—Devidamente autorizado pela D.ª Direcção, comunico ao ilustre protestante que as camas não foram instaladas, porque a lavadeira não trouxe a roupa a tempo e horas.

UM ACCIONISTA—E' lamentável. E' imperdoável!... (resfastelando-se) Mas, a-pesar disso quero que fique exarado na acta o meu protesto. (Adormece em seguida)

(Na sala ouve-se roncar desafinadamente. Assobios de onde a onde. O Sr. Presidente é o único que está de olho aberto. O primeiro secretário adormeceu sobre o livro das actas. O segundo secretário já na véspera estava a dormir. O Sr. Presidente aproveita a oportunidade de os apanhar com a bôca na soneca para ir lendo e discutindo os diversos parágrafos do estatuto).

SEGUNDO ACTO

O mesmo cenário do primeiro acto, com a diferença de que os continuos começam a fazer circular café com leite e torradas. Alguns dos srs. accionistas, bebemda quilo, mesmo a dormir; outros viram-se para o outro lado.

O SR. PRESIDENTE (tendo a certeza de que está um acordado)—Como ouviram, acabaram de ser lidos e discutidos os estatutos desta prestante colectividade. Vamos tratar da sua aprovação no total. Em antes, porém, se algum dos ilustres accionistas quiser pedir a palavra sobre êles, queira dizer.

Na sala ouve-se pedir de diversos lados mais café com leite.

O SR. PRESIDENTE—Está portanto encerrada a sua discussão. Vamos agora tratar da sua aprovação. Todo aquele que aprove deve deixar-se ficar deitado; e quem reprove tenha a bondade de erguer-se.

Ouve-se barulho aqui e além. São os esforços de alguns a quererem erguer-se; mas os continuos, presurosos distribuem torradas com fartura.

O SR. PRESIDENTE—Estão portanto os estatutos aprovados por aclamação.

E não havendo mais nada a tratar, encerro a sessão às 12 horas.

N. B.—(No dia seguinte ainda alguns accionistas não tinha acordado).

J. d'A.

CARTAZ DE HOJE

Sá da Bandeira: A farsa musicada Desculpa, ó Caetano.

Rivolt: A comédia em 3 actos, A lingua das mulheres.

Olympia: O grande filme Raparigas de Uniforme.

Trindade: Um filme «Ano Metro» Arsene Lupin.

Batalha: Os interessantes filmes O meu último amor e A mulher do candrio.

